

CONSCIÊNCIA NEGRA NA ESCOLA: CELEBRANDO A HISTÓRIA, CONSTRUINDO FUTUROS

Taiane Cunha da Silva

RESUMO

Este estudo analisa a importância da conscientização sobre o significado do Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro, para alunos do ensino fundamental e médio de uma escola do Estado de Santa Catarina. A pesquisa tem como objetivo principal demonstrar a relevância da data para a população negra e branca no contexto brasileiro, abordando conceitos como ações afirmativas, racismo estrutural, o pacto da branquitude e as consequências históricas da escravidão. A metodologia utilizada combina a utilização da música como ferramenta de sensibilização e impacto emocional, bem como uma roda de conversa no pátio da escola, com a aplicação de recursos multimodais, além de uma revisão sistemática de literatura e a utilização de um questionário estruturado. Os resultados obtidos revelam que, apesar dos alunos reconhecerem a existência do racismo na sociedade brasileira, eles não se auto identificam como agentes reprodutores dessa forma de discriminação. Tal constatação evidencia a necessidade de implementação de práticas educacionais específicas que abordem a temática do racismo de forma mais aprofundada e abrangente no ambiente escolar.

Palavras-chave: Leis Afirmativas, Racismo estrutural, Pacto da branquitude, Reflexão histórica.

INTRODUÇÃO

A história do Brasil, como nação que conhecemos hoje, se desenvolveu e se manteve por mais de três séculos, com suas bases em um sistema escravocrata, onde a base da economia era a compra, venda e exploração de pessoas, trazidas a força, do continente africano. No decorrer desses séculos pessoas brancas, do continente europeus, as quais dominavam esse sistema econômico, sistema que em seu desenvolvimento e posterior permanência moldaram todas as estruturas sociais, políticas, econômicas, religiosas e pessoais da parte ocidental do globo. Criaram fórmulas e métodos onde puderam justificar a longa duração de tal sistema, violento e exploratório, de todo o continente africano. Afirmando de forma “científica” ciência esta que esses brancos organizaram, que as pessoas de pele negra eram inferiores às pessoas de pele branca. Esse pensamento e processo de construção permeou todas as estruturas criadas e desenvolvidas no Brasil gerando assim o que chamamos de racismo estrutural. Silvio de Almeida, filósofo e advogado tributarista e professor universitário explica:

É uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (Almeida, 2018,25)

Para Almeida (2018) suscita diversas reflexões relevantes, em primeiro lugar, ela evidencia a necessidade de aprofundar o estudo do racismo sistêmico, buscando compreender suas raízes históricas, sociais, culturais e psicológicas. Em segundo lugar, ela destaca a importância de desenvolver estratégias eficazes para combater o racismo em todas as suas manifestações, desde a educação e a conscientização até a implementação de políticas públicas de igualdade racial. Em terceiro lugar, ela ressalta a necessidade de promover o diálogo e a reflexão crítica sobre o racismo na sociedade, visando desconstruir preconceitos e estereótipos raciais.

Portanto, o trabalho na escola estadual visa esclarecer e ensinar para os estudantes e comunidade escolar a importância e relevância do feriado recém criado, o Dia da Consciência Negra. Ele faz parte da luta existente dos movimentos sociais pela criação e desenvolvimento de políticas públicas visando o estabelecimento de leis afirmativas que possam reparar, em certa medida, as consequências desse racismo estabelecido nas complexas estruturas da vida moderna por nós, herdados. E quando fazemos uma reflexão sobre a herança histórica com os olhos voltados para o benefício de ser branco em uma sociedade estruturalmente racista encontramos um conceito chamado Pacto da Branquitude descrito pela psicóloga e ativista Cida Bento, 2022 p. 23-25 um conceito chamado Pacto da Branquitude, a obra de Cida Bento (2022) tem sido amplamente reconhecida no meio acadêmico, contribuindo para o aprofundamento do debate sobre relações raciais no Brasil. O conceito de "Pacto da Branquitude" tem sido utilizado em diversas pesquisas e estudos, que buscam analisar as manifestações do racismo em diferentes contextos sociais, que de acordo com a psicóloga e ativista nos mostra o quanto as pessoas brancas são beneficiadas pelo simples fato de serem brancas e como fazem a manutenção de tais privilégios. Corroborando com a temática a obra de Bento (2022) e a perspectiva de Charles W. Mills (2007) convergem na necessidade de constante reflexão e debate sobre a temática racial. Mills (2007) argumenta que as sociedades operam uma seleção de memórias, enfatizando certos eventos e silenciando outros. Nesse contexto, torna-se conveniente para a população branca o esquecimento dos privilégios históricos que lhes foram conferidos, em contraposição às mazelas e violências infligidas à

população negra, como consequência do sistema escravista que perdurou por séculos no Brasil.

O presente trabalho se justifica pela imperiosa necessidade de promover a conscientização da população branca acerca dos privilégios inerentes à sua condição racial, independentemente de sua classe social. Embora a instituição de um feriado nacional represente um avanço significativo, esta medida configura-se como apenas um passo dentre as inúmeras transformações necessárias para a construção de uma sociedade brasileira mais justa e equitativa. A análise do racismo estrutural no Brasil revela que a discriminação e a desigualdade não se manifestam apenas em atos individuais de preconceito, mas estão enraizadas nas instituições e estruturas da sociedade.

A fim de desconstruir essa realidade, é imprescindível que a população branca reconheça seus privilégios e se engaje ativamente na luta por igualdade racial. A promoção de um diálogo aberto e honesto sobre racismo, a implementação de políticas públicas eficazes e o investimento em educação e conscientização são medidas importantes para a superação do racismo estrutural e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

METODOLOGIA

O trabalho foi realizado em uma EEB Prof^o João Batista Paiva - Penha-SC, no dia 19 de novembro de 2024, para os alunos do turno matutino que eram em torno de 250 alunos e 270 vespertinos com idade entre 8 e 18 anos, equipe docente e gestora da escola. Iniciamos com ajuda de slides, explicando o significado do dia 20 de novembro, seu significado, motivo e expectativa do feriado para nossa história. Argumentamos sobre algumas leis afirmativas que já temos em nosso estatuto nacional. E sobre o que é conhecido como racismo estrutural. Ao final dessa primeira fala apresentei a música e clipe de Cesar MC Canção infantil part. Cristal onde nos mostra o contraste da inocência das crianças e a brutalidade de um sistema racista, desigual e violento.

Em seguida foi convidado um professor de sociologia para contribuir com seu conhecimento de nossa sociedade, o que as leis afirmativas influenciam e afetam nossa sociedade atual e o significado e complexidade do racismo estrutural na sociedade e em nossas vidas. Ao final de sua fala teve a música e clipe do Emicida Boa Esperança que nos mostra a revolta e luta das pessoas negras e brancas pobres contra a elite branca brasileira, a utilização dessa música popular para os participantes pode ser justificada pela sua relevância

cultural e identitária. A análise da letra e do estilo musical pode revelar como os jovens se identificam e se expressam através da música, além de como a música influencia suas experiências e visões de mundo.

Finalizando o clipe retomei a palavra e trouxe pontos que creio ser fundamentais para entendermos a sociedade ao qual fazemos parte. Foi explanado o conceito de Pacto da Branquitude descrito pela psicóloga e ativista Cida Bento que nos mostra um outro ponto de vista de um pacto invisível entre os brancos, que é forte, permanente e em constante manutenção. O "Pacto da Branquitude", conforme elucidado por Fanon (2020) e Schucman (2012), configura-se como um sistema de privilégios raciais que permite aos indivíduos brancos a ilusão de uma universalidade desprovida de marca racial. Essa condição de invisibilidade racial, no entanto, é sustentada pela manutenção de desigualdades e hierarquias raciais. A perpetuação desse pacto impede que indivíduos negros alcancem igualdade de oportunidades em diversas esferas da vida social, como a educação, o mercado de trabalho e a ascensão profissional.

Segundo os autores, a construção de estereótipos negativos e de inferioridade em relação à população negra e seus traços fenotípicos constitui um dos mecanismos de manutenção do "Pacto da Branquitude". Tais estereótipos, disseminados e naturalizados na sociedade brasileira, dificultam o acesso da população negra a espaços de poder e reconhecimento, perpetuando um ciclo de desigualdade e exclusão. A análise crítica do "Pacto da Branquitude" e de seus mecanismos de reprodução é fundamental para a desconstrução do racismo estrutural e a promoção de uma sociedade mais justa e equitativa. Trouxe também o conceito de meritocracia, historiador Sidney Chalhoub, professor titular colaborador do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp e docente do Departamento de História da Universidade de Harvard (EUA)

A meritocracia como valor universal, fora das condições sociais e históricas que marcam a sociedade brasileira, é um mito que serve à reprodução eterna das desigualdades sociais e raciais que caracterizam a nossa sociedade. Portanto, a meritocracia é um mito que precisa ser combatido tanto na teoria quanto na prática. Não existe nada que justifique essa meritocracia darwinista, que é a lei da sobrevivência do mais forte e que promove constantemente a exclusão de setores da sociedade brasileira. Isso não pode continuar, defende. (Chalhoub, 2017)

E a reflexão histórica do impacto positivo da escravidão para as pessoas brancas, pois todo o branco é beneficiado pelo simples fato de ser branco independente de sua colocação e classe social. MILLS (2007) contribui com o conceito da ignorância branca onde salienta que

o óbvio precisa ser dito, pois os interesses moldam a cognição e as sociedades escolhem o que querem lembrar ou esquecer. E isso é necessário ser apresentado e ensinado para os alunos para terem consciência da condição dos maus tratos a pessoas negras como também os benefícios às pessoas brancas, que no caso é de maior na escola apresentada.

Alguns exemplos práticos contidos no livro *Pequeno Manual Antirracista* de Djamila Ribeiro de como a sociedade funciona e sobre como ser antirracista e como não ser racista, em um trecho diz:

O mundo apresentado era dos brancos, no qual as culturas europeias eram vistas como superiores, o ideal a ser seguido. Eu reparava que minhas colegas brancas não precisavam pensar o lugar social da branquitude, pois eram vistas como normais: a errada era eu. Crianças negras não podem ignorar as violências cotidianas, enquanto as brancas, ao enxergarem o mundo a partir de seus lugares sociais - que é um lugar de privilégio - acabam acreditando que esse é o único mundo possível. (Ribeiro, 2019, p.10)

Desta forma a citação traz à tona a realidade de que a branquitude é muitas vezes percebida como a norma social e cultural, o que perpetua uma estrutura de poder desigual. Crianças brancas crescem sem a necessidade de confrontar seu lugar de privilégio, enquanto crianças negras enfrentam cotidianamente as violências e exclusões impostas por essa estrutura. Essa dinâmica reforça um ciclo de desigualdade que é difícil de quebrar. Ao compreender essas questões através dessas lentes teóricas, podemos começar a dismantlar as estruturas de poder que perpetuam essas desigualdades e trabalhar para uma sociedade mais equitativa e justa. Em outro capítulo a autora destaca:

Algumas atitudes simples podem ajudar as novas gerações, como apresentar para as crianças livros com personagens negros que fogem do estereótipos ou garantir que a escola de seus filhos aplique a Lei n. 10639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação para incluir a obrigatoriedade do ensino da história africana e afro-brasileira. Um ensino valoriza as várias existências e que referencie positivamente a população negra é benéfico para toda a sociedade, pois conhecer histórias africanas promove outra construção da subjetividade de pessoas negras, além de romper com a visão hierarquizada que pessoas brancas têm da cultura negra, saindo do solipsismo branco, isto é, deixar de apenas ver humanidade entre seus iguais. Mais ainda, são ações que diminuem as desigualdades. (Ribeiro, 2019, p.16)

E finalizamos com o clipe e música do O Rappa Anjos buscando deixar um ambiente de esperança de uma sociedade mais justa e melhor. A escolha dessa música justifica-se pela capacidade dela de invocar sentimentos e está relacionada diretamente com o tema central do trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

A temática abordada neste trabalho é o significado, importância e relevância do feriado do Dia da Consciência Negra, estabelecido no ano de 2023 e em 20 de novembro de 2024 foi a primeira vez que a nação brasileira teve esse feriado. O tema racismo e ver as pessoas serem maltratadas pela cor da sua pele escura ou pelos seus traços negroides são coisas que me gera indignação e um impulso de aprender, entender e compreender o assunto e suas consequências. Porque o racismo persiste na sociedade brasileira, porque as pessoas normalizaram maltratar pessoas negras, porque as pessoas brancas, mesmo sabendo que existe racismo, acham que isso não acontece onde elas vivem, porque alguns grupos de pessoas não compreendem a importância das políticas públicas e das leis afirmativas.

Diante da necessidade de compreender as complexidades inerentes à problemática racial, procedeu-se à consulta de bibliografia sistemática, um estudo que resume evidências de estudos primários para responder a uma pergunta de pesquisa, dos últimos anos (2014- 2024) sobre o tema do antirracismo, o que possibilitou a construção de um entendimento mais aprofundado acerca da temática. Na obra A Elite do Atraso do autor Jesse Souza permite o entendimento do por que as pessoas negras são tratadas de forma violenta, continuamente exploratória e muitas vezes não lutam por seus direitos ou são contra as leis afirmativas de nosso país. Acrescenta que os estudiosos atuais desviam sua linha de pesquisa do fato fundamental que foi o sistema escravocrata e estão alinhados aos interesses da elite:

É aí que entram os intelectuais com seu prestígio e a mídia com seu poder de amplificar e reproduzir mensagens com duplo sentido: mensagens que fazem de conta que esclarecem o mundo com ele é, mas que, no fundo, existem para retirar das pessoas toda compreensão e toda defesa possível. (Souza, 2019, p.25)

De acordo com Souza (2019) nos leva a refletir sobre a responsabilidade dos intelectuais e da mídia em promover uma compreensão verdadeira e crítica do mundo. Enquanto os intelectuais têm o prestígio de moldar o discurso público, e a mídia possui o poder de amplificação, ambos devem ser utilizados de maneira ética e responsável. A tendência de transmitir mensagens ambíguas e enganosas, que aparentam esclarecer, mas na verdade confundem e desarmam o público, representa um risco significativo para a democracia e para a consciência crítica das pessoas.

Ao adotar uma postura crítica e consciente, tanto os produtores quanto os consumidores de informações podem desafiar essas dinâmicas e buscar uma compreensão mais autêntica e defensável do mundo.

Contudo, a explicação foi compreensível, mas uma coisa ainda não fazia sentido, era como na Era dos pensamentos iluministas, pessoas brancas, poderiam fazer e outros apoiarem atrocidades contra grupos inteiros de pessoas. Foi quando tive breve contato com o estudo do psiquiatra e filósofo político Franz Fanon, especialmente no livro "Pele Negra Máscaras Brancas" onde buscou compreender os efeitos do racismo e do colonialismo na psique e na identidade das pessoas negras. Principais pontos são: desumanização das pessoas negras, alienação das pessoas negras de si mesmas e de sua cultura, "dupla consciência" em que elas se veem através dos olhos dos outros, muitas vezes as pessoas negras se sentem compelidas a usar "máscaras brancas" para se adequar aos padrões criados pelos brancos e a violência pode ser uma forma de resistência e de busca por reconhecimento e justiça.

Sob esse ponto de vista, a desumanização das pessoas negras, muitas das minhas dúvidas foram sanadas e as atrocidades que presencio fizeram algum sentido. Em outros momentos percebo pessoas negras apáticas a sua condição de subalternidade e até defendendo ações que vão diretamente contra seus interesses sociais e de seus pares isso se esclarece com a ideia da alienação de si e de sua cultura que atualmente ganhou mais força com as redes sociais e seus algoritmos que estão constantemente oferecendo apenas o que agrada nossos olhos e mente num avalanche de dopamina e a oferta de entretenimento a todo instante. Quando presenciamos pessoas negras em seus postos de trabalho agindo de forma violenta e racista para com outros da mesma cor, a teoria "máscaras brancas" faz todo sentido.

Nos remete a um outro autor West que descreve: “entre os homens brancos, o conservadorismo cultural assume o racismo crônico, machismo e homofobia. Assim apenas certos tipos de negros merecem ocupar posições importantes: os que aceitam as regras do jogo em vigor na América Branca” (West, 2017, p.61)

Dessa forma, o autor nos leva a refletir sobre a interseccionalidade das opressões raciais, de gênero e de orientação sexual. Ao manter um status onde apenas certos tipos de negros são permitidos a ascender, desde que aceitem as "regras do jogo" impostas pela elite branca, as estruturas de poder continuam a marginalizar aqueles que não se conformam. Isso reforça um sistema onde o racismo, o machismo e a homofobia são normalizados e perpetuados.

Para uma sociedade verdadeiramente equitativa, é essencial reconhecer e desafiar essas dinâmicas de poder. Isso envolve não apenas a crítica das ideologias conservadoras, mas também a promoção de uma consciência crítica e inclusiva que valorize todas as identidades e experiências

Então refletindo sobre esse cenário e a maior parte do meu público escolar ser pessoas brancas, dentro de meu planejamento escolar inclui ensinar sobre o continente africano desde o início, as importantes contribuições para a história mundial, a desconstrução de sua história no período colonial, o importante e fundamental trabalho na construção do Brasil, as suas lutas e resistência tanto individuais como coletivas. E a forma como nos é apresentado na mídia, alguns livros didáticos, o senso comum das redes sociais e internet. Sendo assim trazendo uma nova compreensão e sentido para os alunos de um feriado nacional do Dia da Consciência Negra.

Portanto, realizar um trabalho como esse de explicação, slides e músicas sobre o feriado do Dia da Consciência Negra é para completar e complementar um trabalho que foi sendo construído durante o ano letivo e buscar impacta-los de forma chocante com os vídeos clipes de artistas ativistas de nossa atualidade. Creio que esse movimento é algo que pode ser implementado em outras escolas para chegar a mais alunos e corpos docentes.

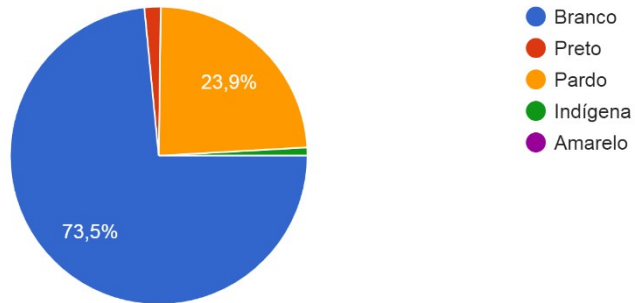
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Imediatamente após o feriado do Dia da Consciência Negra, foi distribuído aos estudantes um questionário composto por dez perguntas. Estas perguntas eram uma combinação de questões dicotômicas (sim ou não) e perguntas de múltipla escolha, permitindo que os respondentes selecionassem suas respostas preferidas. O questionário foi anônimo para assegurar a sinceridade e a honestidade nas respostas. Que serviu para nortear se houve a compreensão sobre a temática trabalhada.

O Gráfico 1 mostra que 70% dos alunos brancos desconheciam o significado do Dia da Consciência Negra, enquanto apenas 30% dos alunos negros tinham conhecimento prévio, no contexto dessa escola localizada em Penha SC.

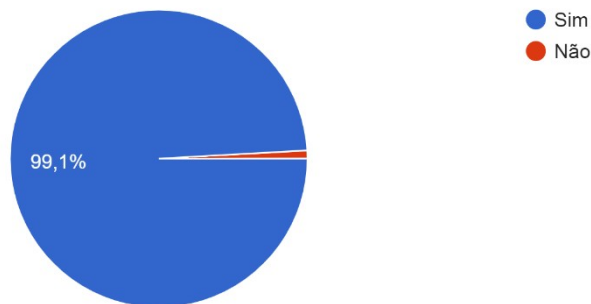
1- Com qual origem étnica ou cultural você se identifica?

113 respostas



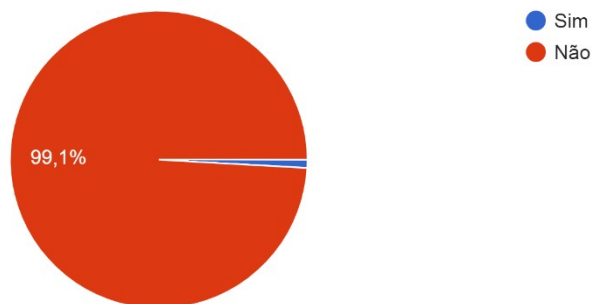
2- Você acredita que exista racismo?

113 respostas



7- Você se considera racista?

113 respostas



Nesses dois gráficos acima, visualizamos o contraste de respostas onde no gráfico 2 mostra que 99,1% dos alunos tem conhecimento do racismo, mas em contrapartida o gráfico 7 mostra que 99,1% dos alunos não se consideram racista. Logo surgem questões como: será que convivem apenas com um grupo étnico? Ou são racista e não têm consciência disso? O

que me fez sentir a necessidade de tratar do significado, importância e relevância do Dia da Consciência Negra, mas também dos benefícios da herança histórica escravocrata para os brancos.

Portanto quando colocamos em prática a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira em um ambiente majoritariamente branco há resistência tanto dos alunos como do corpo docente e gestão escolar isso nos remete a reflexão da manutenção do Pacto da Branquitude feito por Cida Bento. Realizando essa experiência pude constatar a importância de ações como essa e o trabalho constante em sala de aula e no ambiente escolar para o cumprimento da lei mencionada acima.

Encontramos outros esforços em paralelo, mas que complementam esse trabalho, conforme Roberto Mistrorigo Barbosa (2024) trás em seu artigo O Dia da Consciência Negra é muito mais que uma data no calendário é um momento que foi criado para pensarmos, refletirmos, buscarmos aprender e valorizar tudo que o povo negro trouxe consigo, não apenas na exploração e violências sofridas, mas no legado deixado na construção e identidade de nosso país. Em seu artigo, assim como neste trabalho, vê as políticas públicas e as leis afirmativas como algo importante na busca por justiça social e de igualdade de direitos no Brasil. Da mesma forma encontramos Zigoni (2021) com seu elucidador artigo, de nossa dura realidade do governo de 2021, apresenta com exemplos factuais e estatísticos sobre a necropolítica e o racismo estrutural presente no Brasil e entende que a existente e necessária luta constante por políticas públicas eficazes para superar as mazelas nas estruturas sociais em nosso país e acrescenta que não devemos colocar o racismo como um assunto transversal, mas como cerne de pesquisa. Isso corrobora para o incentivo de trabalhos e aulas direcionadas para assuntos com foco do Dia da Consciência Negra, racismo estrutural e todos os conceitos que os envolvem para assim ocorrer as transformações necessárias para uma sociedade mais justa.

Similarmente esses dois artigos ajudam a consolidar a relevância que tem de realizarmos trabalhos nas escolas, como este, onde encontramos o futuro de nossa nação, que são nossos jovens. Eles que em pouco tempo estarão lutando por seus direitos ou não e transformando todo um modo de pensar e viver ou apenas fazendo a manutenção do modo já existente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato de experiência, realizada no âmbito escolar e embasada em dados numéricos, confirma a necessidade premente de abordar o significado do recém-instituído feriado nacional do Dia da Consciência Negra (Lei nº 14.519, de 20 de dezembro de 2022). Os resultados evidenciaram que a maioria da comunidade escolar desconhece a motivação, o significado, a importância e a relevância da criação do feriado, bem como os conceitos de leis afirmativas, racismo estrutural e Pacto da Branquitude. Tal desinformação impede a efetiva aplicação da Lei nº 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira, comprometendo o objetivo de reparação histórica e transformação social almejado.

Os dados coletados revelam a urgência de ações educacionais antirracistas contínuas nas escolas, visando a desconstrução do racismo estrutural e a promoção da igualdade racial, especialmente em Estados com demografia predominantemente branca. A pesquisa demonstra que a falta de conhecimento sobre a temática racial dificulta o reconhecimento da importância de leis reparatórias e da desconstrução de estruturas desiguais, perpetuando um ciclo de injustiça e desigualdade social.

A implementação de medidas educacionais eficazes, como a criação de espaços de diálogo e reflexão crítica, a formação continuada de professores e a utilização de materiais didáticos que abordem a temática racial de forma abrangente e contextualizada, são cruciais para a superação do racismo e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A presente pesquisa representa um passo inicial na investigação da temática racial no ambiente escolar. Sugere-se que estudos futuros aprofundem a análise do impacto do racismo estrutural na comunidade escolar, bem como avaliem a eficácia de diferentes abordagens pedagógicas no combate ao racismo e na promoção da igualdade racial. Acreditamos que a presente pesquisa contribui para o debate sobre a importância da educação antirracista no Brasil e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo, SP: Editora Jandaíra, 2019. 25 p.

BARBOSA, Roberto Mistrorigo Dia da Consciência Negra: um chamado à valorização da diversidade e à reparação histórica, 2024.

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. 1ªed. São Paulo. Companhia das letras, 2022.

Brasil. (2003). Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

Brasil (2022) A Lei nº 14.519, de 5 de janeiro de 2023, instituiu o Dia Nacional das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé. A data comemorada é o dia 21 de março.

ENTREVISTA com historiador Sidney Chalhoub, professor titular colaborador do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp e docente do Departamento de História da Universidade de Harvard (EUA) Jornal da Unicamp realizada em 2017/06/07 Meritocracia é um mito que alimenta desigualdades.

FANON, Franz Pele Negra Máscaras Brancas, Ubu Editora, 2020

MILLIS, Charles W. "White Ignorance". In: SULLIVAN, S.; TUANA, N. (eds.). Race and Epistemologies of Ignorance. Albany, NY: SUNY Press, p. 413–38, 2007

RIBEIRO, D. Pequeno manual antirracista. São Paulo: Companhia das Letras , 2019

SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulista. 2012. 122p. Tese de Doutorado (Pós-graduação em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2012

SOUZA, Jesse A Elite do Atraso, Estação Brasil, P 25, 2019.

WEST, Cornel Questão de Raça. Companhia de Bolso, P 61, 2021

ZIGONI, Carmela artigo Orçamento, necropolítica e racismo estrutural, 2021